

Há que se cuidar do broto pra que a vida nos dê flor e fruto: relatos de uma estudante em seu encontro com a Etnomatemática

Andréia Lunkes Conrado

Rio Claro, São Paulo, Brasil
andreaia.conrado@unesp.br
Unesp, Rio Claro

Coração de Estudante

Há que se cuidar da vida

Subverterei um pouco a recomendação desta publicação para falar do lugar de uma estudante de graduação, portanto ainda não professora ou pesquisadora, em seu encontro com a Etnomatemática. Eu era ainda uma estudante, no último ano da graduação quando encontrei-me com as ideias de Ubiratan D'Ambrosio sobre uma matemática mais social, mais cultural e mais política. Assim eu a compreendi naquele momento.

Voltando um pouco ao tempo, fui uma estudante do curso noturno na Universidade de São Paulo, num curso de Licenciatura em Matemática que trabalhava no mundo corporativo, depois de me inserir no mercado de trabalho por meio de um curso técnico em eletrônica. A vida em São Paulo é de deslocamentos, muito tempo se vive no transporte público e no trânsito, cenário para encontros, encantos e desencontros. Eu morava em Diadema, na Zona Sul, trabalhava na região da Paulista e estudava na Zona Oeste.

Venho de uma família em que a mobilização social e política estava no cotidiano, sou filha de enfermeiros. Isso produziu em mim um olhar para o mundo, que pouco se contemplava no trabalho corporativo e nas disciplinas que eu cursava na graduação. Mas perto do último ano, o encontro com as questões da Educação e a necessidade de fazer o estágio, me levaram a sair da empresa que eu trabalhava para me dedicar exclusivamente aos estudos no último ano de faculdade. Nesse momento, me encontrei com o movimento estudantil da USP, com as questões da Educação, da Educação Matemática e com a Escola Pública.

Uma colega de graduação já havia me dito sobre a existência de um “Grupo de Etnomatemática” que estava se formando na Faculdade de Educação. Mas foi numa noite qualquer, em uma reunião de um projeto de extensão universitária liderado por estudantes que eu encontrei em uma divisão aleatória de grupos com Mônica Mesquita, que me sugeriu ir conversar com a Professora Maria do Carmo.

Carmo, como a chamamos, fez-me sentir bem-vinda e convidou-me a estar no Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática - CBEm1, que ocorreria dali a alguns meses. Estar no CBEm1 foi a minha porta de entrada para a Etnomatemática e para o encontro com pessoas que aos poucos foram se tornando minhas referências de pesquisa, minhas inspirações para pensar a Educação Matemática, meu apoio nas oportunidades e dilemas da profissão docente. Foram também se tornando meus amigos e amigas com quem compartilho memórias, experiências, afetos e histórias de vida e de luta.

Meu entusiasmo pós Congresso e o acolhimento infinito de Maria do Carmo Domite, me permitiram fazer parte do GEPEm, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática - GEPEm. Neste grupo produzi minha Pesquisa de Mestrado investigando a pesquisa brasileira em Etnomatemática, trabalho que se constituiu depois como um mapa inicial de referência para outros estudos da área. Trabalho que me conectou a muitas pessoas pelo Brasil e pelo mundo.

Há que se cuidar do mundo

Tomar conta da amizade

Com Carmo, Ubiratan e as muitas pessoas que fizeram o GEPEm, grupo que atualmente lidero, eu encontrei um novo caminho profissional como professora. E minha primeira experiência na escola se deu com a Formação de Professores Indígenas do Estado de São Paulo, um programa de Extensão e Formação Inicial Docente com as comunidades indígenas paulistas, que reivindicavam seu direito a pensar e realizar uma educação alinhada a seus valores e culturas.

A Etnomatemática nesse contexto não só tornou-se a referência para sonharmos juntos essas escolas, mas também para produzirmos uma rede de pessoas indígenas e não indígenas, professores e educadores, pesquisadores e gestores públicos que se somaram num caminho inter-transdisciplinar para viver a alegria de ver essa escola se tornar realidade para essas comunidades.

De lá para cá a Etnomatemática e essa rede de pessoas têm caminhado comigo nos diversos caminhos e lutas com as quais me envolvi profissionalmente. Quando professora de Ensino Fundamental e Médio, nas aulas de matemática, era com ela que eu pensava em produzir outras matemáticas e aprender com os estudantes que chegavam com tantos conhecimentos. Quando professora no Ensino Superior, formando professores de matemática e pedagogos, foi com ela que alimentei outros olhares para o mundo junto com os estudantes-professores e criamos novos mundos escolares. Quando servidora pública, atuando na gestão pública federal, era a Etnomatemática e as pessoas que a constroem, que me ajudaram a olhar para o Brasil e seus desafios educacionais. Agora como pesquisadora, é com ela que sigo me desconstruindo e me reconstruindo a partir dos problemas e curiosidades que movimentam o olhar dos nossos estudantes e a vida das pessoas que vivem o meu território.

Alegria e muito sonho

Espalhados no caminho

Às vezes os estudantes com os quais produzo o dia a dia na universidade, ficam curiosos sobre quem eram seus professores nos tempos de graduação. Todo pesquisador, todo professor, toda pessoa mais velha, foi um dia um estudante, com um coração de estudante, de alegria e muitos sonhos...

Quando conversamos sobre esses movimentos da vida, oportunidades inesperadas, caminhos e escolhas, volto a esse momento da minha vida de jovem estudante e sou grata por tudo o que a Etnomatemática de Ubiratan e Maria do Carmo me permitiu viver. E sigo

na esperança de que possamos, com a Etnomatemática, acolher e alimentar um sonho comum em favor de uma outra Educação Matemática possível.

Muito do que tenho produzido na universidade hoje é impulsionado pelo olhar e pela ação dos estudantes. E, com eles, renovam-se as esperanças, a nova aurora de cada dia. Estar com eles é permitir criar um novo mundo apesar dos desafios que parecem intransponíveis por vezes, mas é também movimentar um sonho, uma utopia que, só com eles e elas, poderíamos imaginar.

E há que se cuidar do broto

Pra que a vida nos dê flor e fruto

**Há que se cuidar do broto pra que a vida nos dê flor e fruto:
relatos de uma estudante em seu encontro com a Etnomatemática**

**We must take care of the bud so that life can give us flowers and fruits:
stories of a student on her encounter with Ethnomathematics**

**Debemos cuidar el brote para que la vida nos dé flores y frutos:
Informes de una estudiante sobre su encuentro con las Etnomatemáticas**

Resumo

Esta crônica recupera o olhar de uma estudante em seu encontro com a Etnomatemática ainda durante a graduação, quando não era ainda uma professora e pesquisadora. Em diálogo com momentos da vida profissional da autora, e com trechos da canção de Milton Nascimento, compositor brasileiro, reconhece-se o papel da Etnomatemática como caminho para enfrentar dilemas e produzir sonhos em favor de uma Educação Matemática outra.

Palavras-chave: Juventude. Estudante. Etnomatemática.

Abstract

This chronicle recaptures the perspective of a student in her encounter with Ethnomathematics while still an undergraduate, when she was not yet a teacher and researcher. In dialogue with moments from the author's professional life, and with excerpts from the song by Milton Nascimento, a Brazilian composer, we recognize the role of Ethnomathematics as a way to face dilemmas and produce dreams in favor of a different Mathematical Education.

Keywords: Youth. Students. Ethnomathematics.

Resumen

Esta crónica recupera la perspectiva de una estudiante en su encuentro con la Etnomatemática siendo aún estudiante de licenciatura, cuando aún no era docente e investigadora. En diálogo con momentos de la vida profesional del autor, y con extractos de la canción de Milton Nascimento, compositor brasileño, se reconoce el papel de la Etnomatemática como forma de enfrentar dilemas y producir sueños en favor de otra Educación Matemática.

Palabras clave: Joven. Estudiante. Etnomatemáticas.